

SÓFIA ANDREEVNA

O ano mudou mais uma vez, trazendo-nos até ao fim da primeira década do novo século. Escrevo os números estranhos no meu diário. 1910. Será possível?

Lióvuchka está agora a dormir e não vai acordar até ao nascer do dia. Há pouco tempo, o som cavo dos seus roncos fez-me atravessar o corredor até chegar ao quarto. Os roncos dele ressoam pela casa como uma porta que range, e os criados riem-se disso. «Lá está o velhote a serrar lenha», é o que eles costumam dizer, mesmo à minha frente. Já não me respeitam, mas continuo a sorrir-lhes.

A forma como Lióvuchka ressona já não me incomoda, uma vez que dormimos agora em quartos separados. Quando dormíamos na mesma cama, ele tinha dentes, o que atenuava o ruído.

Sentei-me na cama pequena e estreita e puxei-lhe o cobertor, com motivos de chaves estampadas, até ao queixo. Ele sobressaltou-se e fez uma careta monstruosa, mas não acordou. Quase nada lembra Lev Tolstói. Tudo aquilo que ele faz, fá-lo por completo, quer seja dormir, trabalhar, dançar, andar a cavalo ou comer. Estão sempre a escrever sobre ele na imprensa. Até mesmo em Paris, os matutinos adoram todos os mexericos acerca dele, acerca de nós — verdadeiros ou falsos, isso não lhes importa. «O que é que o conde Tolstói gosta de comer ao pequeno-almoço, condessa?», perguntam eles, a fazerem fila no alpendre da frente para obterem entrevistas nos meses de Verão, quando o tempo em Tula faz desta localidade um destino muito agradável. «É ele quem corta o próprio cabelo? O que está ele agora a ler? Já lhe comprou um presente para comemorar o dia do santo dele?»

As perguntas não me incomodam. Forneço-lhes apenas o suficiente para os enviar de volta felizes. Lióvuchka parece não se importar. De qualquer forma, já não lê os artigos, mesmo quando os deixo na mesa

ao lado do pequeno-almoço. «Não têm qualquer interesse», diz ele. «Não sei por que é que alguém se dá ao trabalho de publicar esse lixo.»

No entanto, olha de relance para as fotografias. Há sempre um fotógrafo por aqui a tirar fotografias a tudo e a implorar por um retrato. Tchertkov é quem mais problemas causa. Pensa que é um artista com a câmara fotográfica, mas é tão absurdo com ela como é com tudo o resto.

Lióvuchka continuou a dormir, ressonando, enquanto eu lhe alisava o cabelo: o cabelo branco que jaz sobre a almofada engomada. A barba é branca como a espuma da crista das ondas, um suave salpico de pêlos, que nada tem a ver com a barba espessa do meu pai. Falei com ele enquanto dormia, chamei-lhe «o meu queridinho». Ele é como uma criança agora que já tem tanta idade, é todo meu para eu poder mimar, tratar e proteger das pessoas insanas que aparecem cá em casa todos os dias, os seus supostos discípulos — todos conduzidos e inspirados por Tchertkov, que é simplesmente satânico. Eles pensam que ele é Cristo. O próprio Lióvuchka pensa que é Cristo.

Beijei-o nos lábios enquanto dormia, inalando a sua respiração de bebé, tão doce quanto o leite. E lembrei-me de um dia soalheiro, há muito tempo, quando eu tinha vinte e dois anos. Naquela altura, a barba de Lióvuchka era escura. As suas mãos eram suaves, muito embora passasse bastante tempo com os mujiques, a trabalhar nos campos ao lado deles, principalmente na altura das colheitas. Na verdade, fazia isso por diversão. Para praticar exercício. Na altura, não se tratava tanto de uma questão de honra, como aconteceria mais tarde, quando gostava de se imaginar, no fundo do seu coração, um dos nobres mujiques que ele tanto adora.

Estava a escrever o *Guerra e Paz* e todos os dias me trazia páginas para eu copiar. Penso que nunca fui tão feliz como naquela altura em que deixava a minha mão escurecer aquelas páginas, permitindo que a tinta-da-china preta criasse a visão mais pura e sagrada que alguma vez fora vista. E Lióvuchka também nunca foi tão feliz. Sempre preferiu estar imerso no seu trabalho, a sonhar os seus sonhos doces e grandiosos.

Só eu conseguia ler a letra de Lióvuchka. Os seus hieróglifos garantuados enchem as margens das folhas que ele revia, dando com os editores em doidos. As correcções sobrepunham-se umas às outras. Grande parte das vezes, nem mesmo ele conseguia perceber o que tinha escrito. Mas eu conseguia. Lia as suas intenções e as palavras tornavam-se claras. À tarde, a beber chá de tília, ficávamos horas sentados junto a uma lareira de turfa, a discutir as alterações. «A Natacha nunca diria tal coisa ao príncipe Andrei», dizia-lhe eu. Ou: «O Pierre, aqui, está a ser

demasiado tolo. Ele não é tão estúpido quanto faz crer.» Não o deixava escrever mal. E também não o deixava dormir no escritório ou passar demasiado tempo a cavalgar pelos campos. Lióvuchka tinha coisas mais importantes para fazer. Conduzia-o à sua secretária. Era importante para ele.

Mas agora já não se importa comigo.

Pelo menos como fazia naqueles primeiros anos, como aconteceu no dia do meu santo, 17 de Setembro, quando tinha vinte e dois anos e era elegante e bela como um narciso.

Naquela altura, tínhamos três filhos. Tomar conta deles, bem como de toda a propriedade (Lióvuchka nunca foi muito bom a tratar de pormenores ou a lidar com questões de gestão — não era naquela altura e continua a não o ser agora), e copiar os manuscritos dele eram actividades que preenchiam o meu dia até à exaustão. Mas não me queixava, mesmo quando ele passava horas infindas a conversar no escritório com a tola da Maria Ivánovna, que trazia sempre meias de vidro azuis e que se agarrara a ele como uma lapa.

Eu sabia que ela não ia durar. De todas as mulheres na vida dele, apenas eu durei. Elas não me conseguiram vencer pelo cansaço e nunca conseguirão.

Isso aconteceu em 1866. Lembro-me porque foi o dia em que o nosso abençoado czar, Alexandre, foi salvo pela mão de Deus. Um milagre. Estava a dar o seu passeio diário pelo Jardim de Inverno, quando um jovem tresloucado (infelizmente de uma família bem conhecida) disparou um tiro contra ele. A mão veloz de um mujique salvou o czar, atirando a arma para bem longe.

Nessa mesma noite, em Moscovo, eu e Lióvuchka fomos ao teatro, como fazíamos frequentemente naquela altura. O espectáculo começou com todo o público, em pé, a entoar: «Deus conserve o Czar!» Nunca vi tanta gente a chorar daquela forma! Nas semanas seguintes, dei graças em missas especiais na Capela de São Nicolau, perto do Kremlin. Naquele tempo, os Russos precisavam do seu czar. Também precisam dele agora, embora ninguém que escutasse as conversas do meu marido com os amigos pudesse ficar com essa impressão. Espanta-me como é que a polícia ainda não os silenciou. Se Lióvuchka não fosse tão poderoso quanto o próprio czar, atrevo-me a dizer que o fariam.

É claro que Lióvuchka não me dá ouvidos relativamente a este assunto. Despreza o czar por uma questão de princípio. Mas, nos primeiros tempos que passámos juntos, também ele era monárquico. Adorava Alexandre, que tinha libertado o primo dele, o major-general príncipe Volkônski, que fora um dos Dezembristas enviados para a

Sibéria por Nicolau I. A mulher dele, a princesa, acompanhara-o para o exílio, deixando uma criança pequena para trás.

Nesse dia do meu santo, há muito tempo, a luz do final do Verão passava, oblíqua, por entre as bétulas amarelas. Passei a manhã sozinha, a passear pelo bosque de Zassieka, sentindo o cheiro da terra rica e das flores tardias. Um ácer, para meu espanto e horror, já estava escarlate, enrubescido como um sino sob uma luz estranha. Permaneci debaixo dele, incapaz de controlar as lágrimas.

Lióvuchka apareceu por detrás da árvore. Envergando uma camisa branca, parecia mais um mujique do que um nobre, e deslumbrou-me com o seu olhar. Que intensidade! Ter-me-ia seguido até ali?

— Porquê as lágrimas, minha pequena Sónia? O que se passa?

Mordi o lábio.

— Nada — respondi.

— Nada? — disse ele. — Passa-se alguma coisa.

— Esta árvore — retorqui. — Olha! As folhas já mudaram. Dentro de pouco tempo, todo o bosque estará despido.

Difícilmente conseguia tolerar os invernos em Tula, tanto naquela altura quanto agora. Não há como escapar ao frio, ao vento triste e à neve. As árvores, com os seus ramos negros, preenchem a minha mente. *É-me impossível pensar.*

— Não estás a chorar por causa desta árvore encarnada — disse ele.

— Estás a chorar pela Sónia.

Protestei. Não era aquele o dia do santo do meu nome? Não era eu a mulher mais afortunada de toda a Rússia por ter casado com o escritor mais promissor da sua geração, por ter três filhos pequenos e lindos e uma casa grande no campo?

Mas ele tinha razão, claro. Eu estava a chorar por minha causa.

Naquela noite, os criados prepararam um elegante jantar, servido cedo no terraço, montando uma mesa sob o sol do final da tarde. A minha irmã Tânia trouxera de Moscovo um óptimo *pâté* de faisão, que serviu numa fresca travessa de cipolino — um presente da mamã. Havia pão negro acabado de sair do forno. Havia grandes uvas húmidas dentro de taças brancas, bem como laranjas do sul em taças encarnadas. *Borscht* e, mais tarde, pato com *glacé* parisiense. Também havia borrego e um pouco de ganso. Bolinhos de farelo e mel escorriam de um cesto. Lióvuchka serviu o vinho, muito mais do que qualquer pessoa devia ter bebido!

Apareceram alguns oficiais jovens do regimento de Tula, trajados com os seus uniformes elegantes com botões de prata. Naquela altura, Lióvuchka não odiava os militares. Os anos que passara no exército

ainda não tinham sido assim há tanto tempo, nem as recordações do Cáucaso. Deitava-se ao meu lado na cama, a contar-me histórias sobre o príncipe Gortchakov e o cerco de Silistra. Acarinhava aquelas noites, aquelas histórias, como um tesouro. E sinto falta delas, tal como sinto falta dos jovens oficiais que tantas vezes comiam à nossa mesa.

Juntámo-nos em torno da mesa comprida com as toalhas de linho bem engomadas e a porcelana inglesa. Os cristais, sob a luz do Sol, resplandeciam com um brilho que se tornava quase doloroso.

— Hoje é a Festa dos Mártires — disse Lióvuchka aos presentes, propondo um brinde. — Os Mártires *Abençoados* — acrescentou, corrigindo-se, enquanto um ou dois oficiais riam disfarçadamente. — Há a Vera, cujo nome é Fé. E a Nadejda, que é a Esperança, e o Liubov, que significa Caridade. A mãe deles é a Sófia, que significa Sabedoria. À tua, minha Sófia, fonte de toda a sabedoria, amor da minha vida...

Os copos embateram uns nos outros. Curvei a cabeça, determinada a não chorar.

Do jardim, bem escondidos por entre as árvores e os arbustos vieram os alegres acordes da minha ópera favorita, *La Muette de Portici*. Lióvuchka apressou-se a vir para junto de mim, puxando-me para os seus braços, numa breve demonstração pública de um forte afecto. Conseguia sentir a pressão do olhar dos restantes sobre nós, enquanto nos beijávamos. Mas não me importei.

— Só uma dança... antes do jantar? — perguntou-me Lióvuchka.

Baixei os olhos timidamente para o chão, mas dançava lindamente naquela altura, antes de os meus joelhos ficarem rígidos depois de tantas manhãs húmidas nesta região.

Sobre o ombro dele, vi que Maria Ivánovna estava a olhar para o seu prato vazio. Penso que aquela ocasião terá posto um fim à obsessão que tinha pelo meu marido. Foi uma lança atirada ao peito dela pelo próprio Lióvuchka!

Depois do jantar, começou o baile a sério. Só as tias mais velhas e os seus amigos secos se recusaram a juntar-se a nós, que rodopiávamos no terraço de pedra, girando para celebrar os Mártires.

Lióvuchka insistiu, como sempre, na *kamarinskaya*, uma dança com passos rápidos e complicados. Alguns tentaram ficar sentados, mas ele não aceitou. Lióvuchka era o mestre-de-cerimónias, que nos levava a todos — principalmente aos jovens oficiais — a ter gestos cada vez mais selvagens e exagerados.

Muito antes de os outros partirem, Lióvuchka conduziu-me ao quarto. A nossa partida abrupta foi quase embaraçosa, mas não me

importei. Um dos jovens oficiais olhou-me nos olhos antes de sairmos; eu sabia o que ele estava a pensar, o que me aterrorizou ligeiramente.

Mesmo antes de me conseguir despir, Lióvuchka já estava a beijar-me freneticamente no pescoço e nos ombros. Deitei-me sobre a cama larga e deixei-o fazer o que tinha de fazer. Não era desagradável, naquela altura, como depois se viria a tornar. Em pouco tempo tinha as calças descidas até aos joelhos. Fechei os olhos quando as suas mãos grandes e vermelhas se enfiaram por debaixo do meu vestido, sentindo as palmas das mãos abertas a pressionarem os meus mamilos com força. E deixei que ele me possuísse, rapidamente, como sempre. Gostaria que ele percebesse destas coisas, mas não lho poderia dizer. Deixei-o adormecer, meio vestido, aninhado no meu ombro.

Quando a madrugada chegou ao bosque de Zassieka, ele já partira. Fora, como de costume, para o escritório. Encontrei-o lá mais tarde, com os lábios contraídos e uma vela ainda acesa mesmo à luz do dia. A pena gravava letras profundas na página; os olhos movimentavam-se rapidamente com uma energia selvática que eu adorava. Não reparou em mim, nem mesmo quando coloquei as mãos sobre os ombros dele e respirei, suavemente, por detrás do seu pescoço robusto e alvo.